

# PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ESCOLAS DE SÃO LUÍS

Gercivaldo Vale Peixoto (FAMA)

waldo.peixoto@hotmail.com

José Ribamar Batista Lopes Júnior (UFPI)

ribasninja@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), como política de ação da inclusão social, tem como meta atender em níveis satisfatórios a demanda da adaptação das práticas de ensino/aprendizagem (letramento) para a pessoa com deficiência, integrando assim, a melhoria do espaço físico das salas de aula, dos recursos multifuncionais que contribuem no desenvolvimento do aluno, bem como da capacitação profissional dos professores.

Este tipo de política educacional passa por transformações profundas tendo em vista o seu melhoramento com a perspectiva de integração social. Porém, observa-se que os resultados não têm chegado a níveis satisfatórios como de fato deveriam ser. Sabendo-se da constante evasão de alunos, da pouca eficiência deles mesmo dentro do contexto escolar nas atividades de letramento (leitura e escrita) e do fraco desempenho dos docentes nas atividades dentro das salas de aula com recursos multifuncionais, pergunta-se onde está, ou qual é o problema que interfere no bom desempenho do trabalho realizado pelos professores e na aprendizagem dos alunos.

Assim, é importante investigar discursivamente esses contextos, visto que as práticas são permeadas de ideologias, valores e crenças que estão materializados nos discursos e nas práticas deste novo contexto da educação. Focado na observação e análise das práticas de letramento realizadas nas salas de recursos multifuncionais de duas escolas de São Luís (Municipal e Estadual), este artigo traz uma abordagem entre o linguístico e o social à luz da Análise de Discurso Crítica das relações entre os discursos e as práticas de letramento existentes neste contexto educacional, através da análise do discurso textualmente orientada (ADTO), analisa as diferentes formas de ideologias, valores e crenças mostrados através linguagem e investiga estes fatores tendo em vista a divulgação para a mudança das práticas

sociais em favor do seu possível melhoramento. Para tanto, nesta pesquisa, trabalhou-se com a hipótese de que as práticas de letramento dos docentes não condizem com as reais necessidades apresentadas desse alunado e, as salas e recursos multifuncionais não apresentam as reais condições que deveriam permear a prática da educação inclusiva, sabendo-se que as atividades realizadas pelos educadores têm uma visão panorâmica da configuração do ambiente em que estão inseridos, componentes externos, internos, estáveis e dinâmicos, como também, o que é trazido de fora pelos educandos.

## **2 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC)**

As pesquisas em ADC possuem particularidades de coleta de dados que necessitam de uma metodologia adequada ao contexto em que se insere a pesquisa. Esta que pode variar em qualitativa e quantitativa (ou as duas formas) requer uma aplicação inerente aos objetivos a serem alcançados que na maioria das vezes, terá como finalidade a investigação do discurso nas práticas sociais. A ADC possui em seu arcabouço teórico-metodológico a investigação das práticas sociais e de como se dá as suas construções perante a sociedade. Dessa forma, consegue verificar e investigar questões linguísticas que se produzem nas práticas sociais e a forma de como estas práticas contemplam discursos que por si só refletem nas conseqüências dentro do próprio contexto do campo de pesquisa que é investigado. As práticas de letramento, o contexto discursivo no Atendimento Educacional Especializado e as Identidades Docentes dos participantes desta pesquisa são objetos de pesquisa neste trabalho e são partes essenciais nesta pesquisa, pois, são estes os agentes principais que constroem as práticas sócio-discursivas dentro do contexto educacional inclusivo e partes essenciais no processo da prática social da inclusão.

No contexto desta pesquisa em educação inclusiva, especificamente no AEE, um dos principais componentes que contribuirão para seu desenvolvimento será a Análise de Discurso Textualmente Orientada (Adto) com auxílio do método de pesquisa etnográfica, que se faz necessário justamente pelo seu caráter social e por ser parte integradora das pesquisas de campo. Norteia com eficácia todos os trabalhos que seguem a linha teórico-metodológica de quem pretende desenvolver pesquisas que trazem em seus vieses questões sociais (ideologia, letramento, hegemonia, preconceito, etc). Além disso, dialoga com precisão nos campos investigativos da ADC por conseguirem detectar informações dos participantes que são relevantes ao processo investigativo como suas origens, formações, práticas de letramento

no AEE, o que pensam sobre educação inclusiva. A participação no ambiente pesquisado foi fundamental para obtenção dos dados, tendo em vista que as observações e anotações feitas das práticas, do ambiente, bem como a aplicação de entrevista que tinha como finalidade verificar questões linguístico-sociais dos docentes, forneceram o entendimento maior do campo de pesquisa e participantes para assim conhecer o que é, como se dá e quais os significados que são utilizados dentro do contexto social.

## **2.1 Discurso, Letramento e Identidades**

A relação entre linguagem e sociedade tem como parte essencial na sua existência, as abordagens na construção e estruturação de textos que compõem marcas discursivas. Para tanto, estes discursos presentes nesta relação, são aspectos centrais dos estudos críticos do discurso. Nós, como atores sociais da linguagem, a utilizamos para o processo de comunicação que, dentre as várias formas de comunicação encontra-se a verbal que implica relações sociais e ajuda na construção de identidades, ideologias que de alguma forma agem sobre o mundo e as pessoas. Estes discursos são apresentados através da linguagem não só pela fala, mas também pela escrita e pela imagem constituindo-se e participando na sociedade.

Fairclough (2001) vem dizer que o discurso é visto como um modo não apenas de representação, mas também de ação sobre o mundo, mais especificamente sobre as pessoas, sendo uma prática de “significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados”. Então, deve-se entender que a linguagem não somente age no processo de comunicação e na reflexão da sociedade, mas também, deve-se saber que tem efeito sobre ela. A linguagem é dinâmica, heterogênea e variável, essa dinamicidade, heterogeneidade e variabilidade permite saber, juntamente com os estudos críticos, que a linguagem contribui e fortalece no aparecimento e nas manifestações dos discursos. Fairclough esclarece da seguinte forma o termo discurso:

O termo “discurso” adquire duas acepções. Como substantivo mais abstrato, significa “linguagem e outros tipos de semiose como momento irreduzível da vida social” ao passo que, como um substantivo mais concreto, significa “modos particulares de representar parte do mundo”. (FAIRCLOUGH. 2003, p. 26)

Entende-se assim de acordo com a primeira acepção que, o discurso aparece na linguagem como formas de relações sociais, também feito pela interação de pessoas entre si e com o mundo. Conforme a segunda acepção, os diferentes momentos semióticos de diferentes

práticas dão origem a (redes de) ordens de discurso, formadas por gêneros, discursos e estilos particulares de cada campo ou atividade social. Esses aspectos discursivos que são trazidos pela linguagem, configuram e permeiam ideologias, crenças, relações e valores. Não pesquisados e apresentados, os aspectos ideológicos ficam invisíveis e geram desigualdades e relações de dominação e poder. Materializados dentro do contexto da educação, a ideologia apresenta desvantagens no processo educativo, pois desvelam o que de fato é se esperado nos processos ideológicos.

Investigar discursos a partir de textos é investigar práticas de letramento, visto que o discurso, propriamente, é o uso da língua tanto para atuar na vida social como para refletir sobre ela. Entende-se letramento como práticas socioculturais concretas que faz uso de pelo menos uma forma de comunicação e, traz consigo referências das práticas sociais. Estas formas de comunicação refere-se a pelo menos uma atividade (escrita, fala, leitura). Aponta-se também como o próprio entendimento da linguagem (escrita ou falada) que no processo de comunicação tem importância essencial, posto que é ela que incluirá os modos de pensar e fazer, ser e sentir das pessoas. Trago aqui para esta pesquisa a definição e a teoria proposta por Street (1995) em que o autor diz que compreende-se por letramento o uso ou aquisição da escrita e leitura pela sociedade fazendo a prática social. Estes usos e aquisições através do letramento implicam discursos e ideologias paralelas aos propósitos de quem o pratica, pela fala ou pela escrita. O autor ainda indica que este conceito de letramento não é inerente ou igual ao proposto por outros autores que referenciam o letramento como uma prática neutra e sim, como prática múltipla e dotada de significados trazidas pela ações sociais, culturais, políticas e institucionalizadas. De acordo com Street:

Argumentarei que o que as práticas e os conceitos particulares de leitura e escrita são para uma dada sociedade depende do contexto; que eles já se encontram situados em uma ideologia e não podem ser isolados ou tratados como 'neutros' ou simplesmente 'técnicos'. Demonstrarei que a seleção das práticas que são ensinadas e o modo de transmiti-las dependem da natureza da formação social. As habilidades e os conceitos que acompanham a aquisição do letramento, em qualquer que seja a forma, não se originam de forma automática das qualidades inerentes do letramento, como alguns autores querem nos fazer acreditar, mas são aspectos de uma ideologia específica. (1984, p. 1)

Em todos os meios sociais institucionalizados, os discursos são representados por práticas representativas e, nem um posicionamento é neutro. Valores ideológicos são transpostos pelas práticas do letramento (da linguagem). No contexto da educação, o letramento escolar é ideológico, porque contribui para legitimar esses discursos que

determinam quem sabe ler e escrever, como se deve ler e escrever e quem está autorizado(a) a falar sobre isso (Prinsloo e Breier, 1996). É importante ressaltar que não se deve confundir letramento e alfabetização embora as práticas possam estar inseridas uma dentro da outra. Tfouni (1988, p. 16) a difere como que enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. Temos, assim, duas definições, enquanto a alfabetização é a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever” de uma pessoa ou grupo, o letramento refere-se ao “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

As identidades docentes também são pertinentes ressaltar nesta fundamentação, pois, a pesquisa da prática de letramento exercidas pelos professores constituem ações sócio-históricas vivenciadas pelos educadores. A formação identitárias das pessoas sempre perpassa pela visão e posicionamentos de outros, pela sociedade, assim como também por discursos midiáticos. Não se limita a forma homogênic e sim pela heterogeneidade na sua formação. O homem e a mulher têm suas atitudes e crenças influenciadas pelos diversos discursos que norteiam suas vidas, pela forma em que vive ou se relaciona socialmente. Os estudos em cima das identidades de gênero consideram os valores e as crenças locais, de cada participante no processo do discurso e como o poder atua na formação dos gêneros. Magalhães (2005. p, 57) define e relaciona identidade e gêneros como “representações discursivas, que são construídas, e podem ser investigadas, nas práticas sociais. Nas práticas de gênero, as identidades são construções discursivas que se mantêm por ideologias hegemônicas de masculinidade e feminilidade e que estão em processo de transformação”

Essa concepção permite aferir que a construção identitária dos docentes ultrapassa as limitações das práticas hegemônicas, pelo contrário, são estas práticas que ajudam no processo de formação da identidade (personalidade, caráter) de cada um. A autora ainda afirma que o gênero é um sistema binário que divide os seres humanos em duas categorias: homens e mulheres. Sua força conceitual e material é tamanha que esse sistema organiza virtualmente todos os aspectos de nossas vidas, desde os mais íntimos até os mais (2005. p, 34). Sob essa ótica, é possível investigar como esses gêneros são apresentados (ou formados) quando o assunto é a educação especial, entendida em nossa legislação como a modalidade educacional responsável pela educação de pessoas com necessidades especiais. Entender as identidades de gêneros dos docentes neste contexto é de extrema importância, pois, se sabe as

dificuldades que este tipo de educação implica. Mesmo porque essa modalidade vem sofrendo alterações relevantes, na medida em que as políticas educacionais se encaminham no sentido da inclusão de todas as crianças em turmas do ensino regular, a chamada Educação Inclusiva, o que entendemos trazer implicações expressivas para os docentes que atuam prioritariamente com pessoas que apresentam peculiaridades entendidas como características das pessoas com necessidades especiais.

## 2 CONTEXTO DA PESQUISA

A sistemática para viabilização desta pesquisa situou os aspectos linguísticos-sociais para fins de análise a partir de instrumentos que permitem essa coleta, estes instrumentos foram pré-selecionados no processo de produção do projeto desta pesquisa. Eles dão os suportes necessários para cada objetivo explicitado no referido projeto e dialogam entre si na finalidade de coletar dados linguísticos.. Para tanto, observações, notas de campo, entrevistas com finalidade para obtenção de narrativas foram aplicados e serão descritos nas subseções abaixo.

### 3.1 As escolas e os participantes

Para a efetiva viabilização da pesquisa etnográfica foi necessário escolher duas escolas na cidade de São Luís que contemplassem no seu espaço educacional a modalidade de educação inclusiva e tivessem em seu espaço físico salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para tanto, escolhemos e delimitamos que as escolas fossem uma mantidas pelo governo do estado do Maranhão e outra pela prefeitura municipal de São Luís, como segue no quadro abaixo as descrições:

<b>UNIDADE INTEGRADA PIO XII</b>			
<b>PROFESSORA</b>	<b>LOTAÇÃO</b>	<b>ATUAÇÃO</b>	<b>FUNÇÃO</b>
Elke	Escola Pio XII	Sala de recursos multifuncionais e educação de jovens e adultos	Coordenadora da Sala de recursos multifuncionais e professora do EJA.
Marlene	Escola Pio XII	Sala especial (deficientes intelectuais) e Sala de recursos multifuncionais	Coordenadora da Sala especial, professora.

Ildejane	Itinerante	Sala de recursos multifuncionais e Ensino Regular (Ensino Fundamental)	Intérprete de Libras. Professora de Língua Portuguesa para surdos
----------	------------	--	---

<b>ESCOLA MUNICIPAL SIEP</b>			
<b>PROFESSORA</b>	<b>LOTAÇÃO</b>	<b>ATUAÇÃO</b>	<b>FUNÇÃO</b>
Maria	SIEP	Sala de recursos multifuncionais e educação de jovens e adultos	Coordenadora da Sala de recursos multifuncionais e professora do ensino regular.
Carolina	Itinerante	Sala especial (deficientes intelectuais e visuais) e Sala de recursos multifuncionais	Professora de Língua Portuguesa em salas especiais
Ranaja	Itinerante	Sala de recursos multifuncionais e Ensino Regular (Ensino Fundamental)	Intérprete

### **3.2 Entrevistas**

Seguindo o percurso metodológico da coleta de dados e paralelo junto as observações e notas de campo, foram realizadas entrevistas com os participantes seguindo-se um roteiro de perguntas previamente elaborado por mim e meu orientador. As entrevistas atuam na pesquisa como identificadoras dos discursos relevantes ao que é investigado gerando assim, as informações necessárias das práticas letradas dos entrevistados, identidades (inclusive de gênero, se for o caso), relações ideológicas, etc.

Fairclough (trad. 2001, p. 278) aponta que “uma forma comum de ampliar o corpus é o uso de entrevista”. Dessa forma, Magalhães (2006a, p. 87) argumenta que a entrevista é superior a outros métodos de pesquisa, porque “ela é flexível, permitindo a reformulação das respostas pelos participantes em outra entrevista; não invade a privacidade dos participantes, e não rouba o tempo precioso que deveria ser dedicado aos próprios afazeres”.

Paralelas às observações e notas de campo e com uma triangulação conjunta com fins de análise, as entrevistas contribuíram para as análises finais.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

A partir das transcrições feitas das entrevistas das docentes, foi possível obter informações prévias das informações pessoais de cada uma. Constatou-se que no que se refere a formação delas, cinco delas, com exceção da professora Elke que estudou Pedagogia, cursaram Letras em seus cursos de licenciatura. Pôde-se observar com isto, a divergência de ideias no que diz respeito às práticas exercidas com os alunos. A professora Elke proclama um ensino que ultrapasse barreiras e que seja feito a partir da criatividade do professor, devendo ser feito como “amor”. As outras professoras disseram que o ensino deve ser realizado paralelo ao que se pode fazer e de acordo com a formação do professor. Ou seja, ele não deve fazer além do que lhe compete somente pra provar algo a alguém, porque, segundo elas, isso não demonstra nada e ainda atrapalha o aprendizado dos alunos.

Pôde-se verificar de acordo com o línguístico e as escolhas lexicais demonstradas, os tipos de letramento que os professores trabalham em suas práticas. A maioria condiz com aquela que refere-se ao conteúdo midiático, como demonstrado nas transcrições de duas entrevistadas:

**Idejane:** Costumo trabalhar o gênero notícia com eles, assim, levo revistas para eles lerem e observarem como se produz uma notícia e quais os elementos que serão trabalhados. Além disso, fico sempre atenta aos jornais impressos e televisivos. Assim ficamos por dentro do que está acontecendo e trabalho com eles isso contextualmente.

**Ranaja:** Tenho assinatura da revista VEJA e ISTOÉ e sempre levo para eles lerem ou fazerem recortes. Essas revistas me dão subsídios para trabalhar com eles o gênero notícia. Com os surdos é a prática da escrita, os deficientes intelectuais fazem recortes e colagens das palavras para aprenderem a ler e ter coordenação motora.

As outras professoras trabalham normalmente com os textos dos livros didáticos. Normalmente histórias curtas ou em quadrinhos. Percebeu-se da inexistência destes livros oferecidos pela própria escola, como acontece no ensino regular, sendo que os usados são parte integrantes dos acervos pessoais das professoras. Também há aqueles que são trazidos da biblioteca das escolas, mas em ambas, a sua utilização somente deve ser feita de maneira local. Outro fator importante a se ressaltar nas respostas sobre letramento condiz na não utilização de fontes externas ao texto (não verbais). Nenhuma das entrevistadas citou em suas práticas que faz uso de filmes, músicas, séries, vídeos interativos com os alunos. Isso se dá,



segundo análise própria, pela não disponibilidade de recursos audiovisuais nas escolas (Data-show, televisão, aparelho ou caixa de som, etc).

No que diz respeito às questões sobre identidades docentes, obteve-se resultados já esperados previamente a partir daquilo que já se havia formulado nas hipóteses feitas neste trabalho no processo de formulação do projeto. A personalidade de cada uma é moldada por discursos orientadores de outros convívios sociais. Isto acaba refletindo na própria prática educacional que é trabalhada com os alunos. Percebeu-se muitas questões referentes ao discurso religioso, político e até mesmo sobre a formação pedagógica de cada uma, como mostrado nas transcrições abaixo.

**Marlene:** Eu sou uma pessoa espírita, adepta do espiritismo. Então, eu carrego comigo os princípios que norteiam minha vida e mostro para os meus alunos. Escolhi esta profissão (ela é professora no ensino especial para crianças com deficiência intelectual) porque eu gosto de ajudar. Isso me faz bem, faz bem pro meu espírito. Fico muito satisfeita em ver o crescimento deles, cada vez que conseguem alcançar a meta proposta. Escolhi esta profissão porque só está nela quem tem amor pelo que faz. Acho que todas as pessoas deveriam pensar assim Todo professor do ensino especial tem que ser paciente, virtuoso, amoroso, porque só assim conseguimos um bom trabalho. Eu amo o que eu faço e transmito isso pros meus alunos.

**Maria:** Eu escolhi esta profissão porque na verdade eu entrei na faculdade de letras, eu não escolhi minha profissão, a profissão que me escolheu na verdade. Eu sempre achei que não ia pro lado da educação porque realmente eu não tive magistério, eu não fiz nada que me voltasse pro lado da educação, mas ao entrar no curso de letras, normalmente a gente é direcionado pro lado da educação, então a educação me escolheu, e eu sempre tento fazer o melhor, eu não esqueci a educação. Por que permaneci? A satisfação que me traz é que mesmo com todos os desafios que a gente enfrenta na educação, você encontra com seus alunos e eles te dizem, “oh professora eu tô na faculdade, oh professora eu aprendi isso com a senhora”, então eu encontro com muitos ex-alunos, muitos alunos passaram por mim que eu vi que hoje estão bem, estão profissionais, estão formados, estão na faculdade e tem muitos que são professores, estão fazendo direito.

**Carolina:** Eu trabalho de maneira séria com os meus alunos. Não admito brincadeiras. O trabalho com eles é muito difícil. Faço aquilo que está a meu alcance para ajudá-los, mas não me desespero, como outros fazem. Quem trabalha no ensino especial tem que ser forte. Tem que ter um pouco mais de postura, no que diz a educação especial eu penso que às vezes eles aceitam muita coisa que não era pra aceitarem. Eu não estou habilitado pra isso, porém eu vou fazer isso. Não, eu acho que não tem que fazer. E às vezes existe certa intimidação deles de dizer não. “Não, eu não estou habilitado para isso.” Eu vejo muito que eles fazem coisas que eles não estão habilitados para fazer. Então eu acho que não é por aí.

Nas notas de campo feitas, constatou-se o direcionamento de cada uma destas professoras atreladas ao seu convívio social, como dito anteriormente. A professora Marlene é espírita, logo, sua identidade é formada a partir da crença desta religião. É sabido que os espíritas em sua maioria são pessoas caridosas, que gostam de ajudar o próximo. A professora Maria é identificada por sua formação acadêmica. Inicialmente ela não tinha a mínima pretensão de trabalhar no ensino especial, mas, foi direcionada pra isso pela precisão de trabalhar.

Apreendeu Libras e ingressou nesta modalidade. Ela sempre se mostrou contente com o que faz, inclusive ajuda nas práticas de suas colegas (trabalham com Deficientes Intelectuais). A professora Carolina é essencialmente rígida no seu trabalho. Faz tudo que lhe compete, mas como citado em sua fala, somente aquilo que está ao seu alcance, de acordo com sua formação. Inclusive se irrita com posicionamentos de colegas que pensam ou fazem o contrário. Isso gerou um mal-estar em uma das minhas visitas

Sobre as questões que revelaram pontos importantes das concepções de cada uma sobre educação inclusiva, seus relacionamentos com as pessoas das escolas e suas críticas para a modalidade, verificou-se uma similaridade nas respostas. Primeiramente acerca da auto-avaliação de cada uma, nenhuma delas atribuiu uma nota alta ao seu trabalho, refletiram sobre isso e perceberam que realizam um bom trabalho, mas poderia ser melhor. Isso se dá por vários fatores: primeiro pela falta de recursos acessíveis nas práticas de trabalho das mesmas. Faltam computadores, livros, materiais de apoio pedagógico (lápiz de cor, pincéis, cadernos de desenho), recursos multifuncionais para os alunos trabalharem de acordo com as suas necessidades.

Com relação aos discursos de relacionamento entre os profissionais da escola, bem como entre discentes e docentes, pôde-se verificar uma relação de conflitos ideológicos nas respostas dadas pelas professoras Elke e Ildejane:

**Ildejane:** Normal. Porque eu sou uma pessoa que chega na sala, se tiver alunos pra atender eu faço o meu trabalho? Eu trato todo mundo bem dando bom dia, falando com todos, mas nem sempre para conversar, principalmente porque eu não tenho este tempo de ficar conversando e bater papo. Eu penso que o trabalho deve ser sério, mas sem afetividade, sem se envolver. Eu faço a minha parte, mesmo porque amor não enche barriga, não gosto de professor que se envolve muito.

**Elke:** Para mim todo professor deve fazer o seu trabalho com amor, acima de tudo. Porque ensinar é um ato de amor. O profissional que escolhe a carreira de professor, deve saber que isso será pra vida toda, que trabalhará com pessoas. Tem coisa mais divina que isso? Aliás, toda profissão deve ser exercida com amor. Quem escolhe um emprego somente pelo dinheiro? Este com certeza vive infeliz.

Muita das vezes que a pesquisa era trabalhada, estas duas professoras entravam em conflito de ideias, como mostrado nas transcrições. Estas divergências aconteciam na frente dos alunos surdos e com deficiência intelectual e, claramente observava-se o espanto deles com o ambiente conflituoso. Eles acabavam trazendo isso para as atividades deles, onde não se via êxito nas respostas ou produções textuais. Toda ideologia quando imposta de forma ditatorial, sem o consenso de todos, acaba criando conflitos internos e refletindo nas práticas discursivas. Neste contexto, era refletido nos alunos que passaram a ter baixo rendimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos tradicionais sobre a educação foram perceptíveis tanto na fala das docentes como nas práticas de letramentos diários. As docentes viam-se como responsáveis pelo desenvolvimento sociocognitivo de aprendizes. Seus princípios em relação à docência pairavam sobre como deveriam manter-se como exemplos, bem como viam em seus papéis importância social, que não é reconhecida pelos governos. O reconhecimento a que se referem trata de estruturas de sala de aula, estrutura de apoio na educação especial/educação inclusiva, bem como recursos e menor número de discentes por sala de aula, e quanto à inclusão a necessidade de serem informados e de optarem quanto à modalidade de ensino a que teriam exercício, se inclusiva ou regular.

Nas práticas de letramento, as professoras afirmam-se como profissionais, em um discurso contra-hegemônico, no sentido de perceberem a mudança que poderiam promover para a inserção real de alunos e alunas, ainda que com poucos recursos e com a consciência de que tais recursos devem ser supridos pela gestão pública. As atividades em sala de aula privilegiaram os conceitos de ética, promoção da valorização da diferença, auto-aceitação e respeito humano tanto nas práticas promovidas pelos homens como pelas mulheres. No entanto, chamou-nos a atenção o fato de as professoras religiosas dedicarem maior tempo à elaboração de gêneros discursivos que proporcionassem o ensino desses temas, enquanto que as agnósticas privilegiaram a abordagem em termos interacionais, dedicando maior tempo à exploração de gêneros discursivos que abordassem conteúdos tradicionais, com vistas à inclusão. Essas práticas reproduzem conceitos de gênero, uma vez que se atribui, no senso comum, à mulher o papel de educar e ao homem o de instruir.

Vimos também que as identidades docentes são situadas nas práticas de letramento em reconstruções sempre constantes. Tais reconstruções passaram de professores do Ensino Regular (quando se dizem não preparados) para professores do Ensino Regular Inclusivo (quando se sentem felizes ante os resultados). Igualmente revisaram posições, relacionadas ao afeto na prática docente, percebendo que vínculos de confiança no Ensino Especial são necessários. Além disso, percebemos, nesta pesquisa, que professores e professoras buscaram rearticulações das práticas docentes alternativas para promoção da inclusão, tomando por ponto de partida seus conhecimentos de mundo, vivências que são atravessadas pelos aspectos de gênero, inclusive. A busca se pautou pela crítica, boa-vontade e perseverança, que são valores cultivados por docentes, como parte de suas identidades. No

entanto, ante o contexto em alta transformação, tais profissionais procuram por essas identidades e nelas investem com grande participação de meninos e meninas especiais. Não sem, obviamente, compartilharem de angústias e incertezas.

Por fim, nas práticas de letramento no Atendimento Educacional Especializado nas salas de recursos multifuncionais das escolas pesquisadas, os recursos pedagógicos necessários para as práticas são inexistentes, salve aqueles que são trazidos pelos professores,

## **REFERÊNCIAS**

BATISTA JR, J. R. L. **Os discursos docentes sobre inclusão de alunas e alunos surdos no Ensino Regular: identidades e letramentos.** 2008. 151 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London; New York: Routledge, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MAGALHÃES, I. **Discursos, identidades e práticas de letramento no Ensino Especial.** Comunicação apresentada no Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2009.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). **Discurso, gênero e educação.** Brasília, DF: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003.

\_\_\_\_\_. **Etnografia e observação participante. Brasília.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

PRINSLOO, M., BREIER, M. (Orgs.) **The social uses of literacy.** Theory and practice in contemporary South Africa. Bertsham e Amsterdã, Sached Books e John Benjamins, 1996.

SATO, Denise Tamaê Borges. **A inclusão da pessoa com Síndrome de Down. Identidades docentes, discursos e letramentos.** 2008. 149p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008

SILVA, Alzira Karla Araújo da. **A sociedade da informação e o acesso à educação: uma interface necessária a caminho da cidadania.** João Pessoa, 2001.

STREET, B. **Literacy in theory and practice.** Trad: Izabel Magalhães. Cambridge: Cambridge. University Press, 1984.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados. O avesso do avesso.** Campinas, SP: Pontes, 1988.